

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

MULHER, TRABALHO E MATERNIDADE: UMA VISÃO CONTEMPORÂNEA

VERA MARIA DAHER MALUF

Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Psicóloga clínica. Consultora em Cultura Organizacional sobre os temas ligados à mulher e ao feminino. Autora do livro *Fertilidade & Maternidade. O desejo de um filho*, São Paulo, Editora Atheneu, 2007.
e-mail: vmaluf@uol.com.br

EDNA MARIA SEVERINO PETERS KAHHALE

Psicóloga formada pela PUCSP. Doutora em Psicologia Experimental pelo Instituto de Psicologia da USP. Professora do Depto de Métodos e Técnicas em Psicologia da Faculdade de Psicologia da PUCSP. Professora e pesquisadora do Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUCSP. Ministra aulas e pesquisa (integrada com assistência na rede pública) na área de Psicologia da Saúde, especificamente saúde da mulher, sexualidade e relações de gênero sob a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica. Autora e organizadora do livro *A diversidade da Psicologia: uma construção teórica*, Ed. Cortez, 2002. Tutora do grupo PET/Psicologia SESu/PUCSP de 1995 a 2001. Nos últimos seis anos tem desenvolvido pesquisa aliada à assistência em HIV/Aids e Hepatites, enfocando relações de gênero e adesão ao tratamento, numa parceria PUCSP e UNIFESP, especificamente o Departamento de Doenças Infecto Contagiosas, no ambulatório (CEDIPA).
e-mail: ednakahhale@pucsp.br

Resumo: O trabalho avaliou a relação de mulheres executivas com a realização profissional, a maternidade e a contemporaneidade. É uma pesquisa qualitativa/quantitativa realizada via *internet* com 45 mulheres executivas, de diversas empresas prestadoras de serviços. Para coleta de informações foram utilizados os seguintes instrumentos: Questionário de Percepção Social (composto de cinco partes, em que foram abordados os conceitos de Homem-Mulher, Maternidade, Profissão, Relação afetiva, Contemporaneidade); Versão Brasileira do Questionário de Qualidade de Vida SF 36; Questionário Sociodemográfico. Os resultados mostraram que, das mulheres pesquisadas, parte está em um momento de construção de um novo olhar a si e ao mundo, parte está conflitada. Elas administram sua qualidade de vida criando possibilidades, o que desconstrói a literatura. Até hoje acreditou-se que pessoas que trabalham de 10 a 14 horas/dia têm a qualidade de vida extremamente comprometida, e elas não têm. O fato delas estarem em cargos de extrema complexidade não é visto como sobrecarga, mas como *eustress*. Apesar de declararem acreditar que a maternidade é um fundante do feminino, não se comportam e/ou não fizeram escolhas norteadas pela maternidade. Declararam que para ter filhos é necessário ter condições financeiras e um companheiro que também queira ter filhos. Declararam também que a busca pela realização profissional trouxe relações mais igualitárias para as instâncias profissionais e pessoais. Concluindo, vivem um momento histórico complexo e contraditório, divididas entre o desejo de se afirmar como protagonistas que constroem história junto com os homens, história esta não só profissional como econômica, política e social, e entre o desejo da maternidade e seu exercício pleno em relação ao acompanhamento do desenvolvimento dos filhos.

Palavras-chave: mulher; trabalho; maternidade; gênero; mãe



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

WOMEN, WORK AND MOTHERHOOD: A CONTEMPORARY VIEW

Abstract: The study examined the relationships of women executives with high professional achievement, who are also mothers. It is qualitative-quantitative research conducted via the Internet with 45 women executives from various service companies. For data collection we used the following instruments: Social Perception Questionnaire, which consists of five parts that measure Gender Differences, Motherhood, Occupation, Emotional Relationships; Contemporary View, Brazilian Version of the Quality of Life Questionnaire - SF 36 and Sociodemographic Questionnaire. The results showed that, for the women surveyed, it is in part in a time of construction of a new vision, and in part in a time of conflict. The study's finding that the women surveyed manage the quality of life by providing opportunities contradicts much of the previous literature. Until now, it was believed that the quality of life for such women, who work 10 to 14 hours a day, is greatly compromised. The study does not support this conclusion. The fact that these women are in positions of extreme complexity is not seen as burdensome, but instead stimulating. Despite the belief that motherhood is the paramount value to women, the women surveyed do not behave and / or made choices guided primarily by motherhood. They stated that in order to have children, financial conditions are necessary and also a companion who wants children. They also reported that the quest for professional achievement helped to foster more egalitarian relationships promoting personal and professional satisfaction. In conclusion, living in a historic moment, full of complexity and contradiction, the women surveyed are torn between the desire to assert themselves as actors who construct history with men, and the desire for motherhood and their role in monitoring the development of children. The place of these women in history remains both professional, economic, political, social, and intensely personal as well with respect to their role as mothers.

Keywords: woman; work; motherhood; gender; mother

Uma das características reconhecida como mais evidente da contemporaneidade, no contexto dos países em desenvolvimento, está na relação entre presente e passado, com uma procura acentuada do novo e a consequente rejeição do antigo.

Nesse grande cenário, descritivo de uma mentalidade, e que chamamos nesse trabalho de contemporâneo, o que mudou não foi apenas a natureza das atividades da mulher na sociedade, mas também os papéis desempenhados por elas ou as expectativas convencionais do que devem ser esses papéis, e em particular os papéis públicos femininos (TOYNBEE, 1986; CAPRA, 1987; HOBBSAWM, 1996; TOFFLER, 1999; HOBBSAWM, 2000; LYOTARD, 2002; LIPOVETSKY, 2004 b; BAUMAN, 2001).



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Não mudou só o papel feminino, mas também como se entende o que é ser mulher, ou seja, a subjetividade do feminino.

É o contexto de um mundo que se reinventa, onde entraram as mulheres, em número impressionantemente crescente, na educação superior, porta de acesso às profissões liberais. A partir desse momento, a mulher começa a aparecer de uma forma marcante no mercado de trabalho.

Foram inegáveis os sinais de mudanças significativas, e até mesmo revolucionárias, nas expectativas das mulheres sobre elas mesmas e nas expectativas do mundo sobre o lugar delas na sociedade. Esses movimentos sociais levaram ao questionamento, em nossa sociedade capitalista, das relações de gênero, das oportunidades de trabalho para os diferentes sexos, da questão da sexualidade. As mulheres, como grupo, tornaram-se uma força política importante, como nunca acontecera (BIASOLI-ALVES, 2000; BOLOGNA, 2000; LASZLO, 2001; LIPOVETSKY, 2004 a; BLAINLEY, 2009; BOLOGNA, 2009).

A partir daí, a própria amplitude da nova consciência da feminilidade e seus interesses tornavam inadequadas as explicações simples em torno da mudança do papel da mulher na sociedade. A imagem da mulher, antes frágil e necessitada de proteção, atuando na intimidade e presa aos cuidados com a prole, ganha hoje outros contornos que fazem dela um ser em construção, querendo buscar no seu desenvolvimento o poder da realização de suas potencialidades (BIASOLI-ALVES, 2000; STRIGHT & BALES, 2003; FLECK & WAGNER, 2003; MALUF & KAHHALE, 2007).

Casar ou permanecer solteira (ou ambas as coisas, cada qual em seu momento), ter ou não ter filhos, abraçar uma profissão, são opções que não mais implicam escolher entre liberdade e sujeição, pois a mulher contemporânea cogita inventar o próprio destino de acordo com suas necessidades internas.

Essa mulher é o ser contemporâneo por excelência, desvincula sexo de procriação, e se insere no mercado de trabalho. Concilia o governo de si mesma com a preservação de



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

papéis e valores tradicionais (mãe, educadora dos filhos, organizadora do espaço doméstico, esposa), vendo-se definitivamente inserida na lógica do individualismo contemporâneo.

Perante esses olhares, surgiram as hipóteses, que nortearam uma tese de doutoramento na PUCSP:

1. A executiva contemporânea considera a maternidade como um dos fundantes do feminino.
2. Existe a tendência da executiva contemporânea em adiar sua maternidade para garantir a busca de uma realização profissional.
3. É importante a executiva contemporânea trabalhar e ter independência financeira para então ter filhos.
4. É importante a executiva contemporânea ter uma relação afetiva estável e um companheiro que também queira ter filhos.
5. A executiva contemporânea busca qualidade de vida e integração das várias dimensões do feminino, implementando também o exercício profissional.

Para fundamentar essas hipóteses buscou-se, durante o desenvolvimento do trabalho, entender a relação que há entre essas questões e o papel da mulher contemporânea quanto à família nuclear e à maternidade, suas continuidades e rupturas no que se referem às relações de gênero, suas expectativas em relação ao trabalho e a busca da realização profissional.

Estudou-se e buscou-se, com uma recuperação do desenvolvimento histórico do século XX, o entendimento de como nossa sociedade – e, em especial, a mulher – posicionou-se em relação a todas as transformações incrivelmente rápidas e mesmo vertiginosas que nos trouxeram até aqui. Chegou-se à constatação das constantes alterações



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

de valores, práticas e papéis que as pessoas costumavam desempenhar em relação a rotina de vida, a padrões de comportamento, em um número considerável de grupos sociais (BRUSCHINI, 2000; BRUSCHINI & LOMBARDI, 2000; LIPOVETSKY, 2000; COSTA, 2001; FISCHER & MARQUES, 2001; DE TONI, 2003; ROCHA-COUTINHO, 2003; BRUSCHINI & PUPPIN, 2004; KON, 2005; BRUSCHINI, 2007).

Essa pesquisa, com metodologia qualitativa e quantitativa, foi realizada via *Internet* e as participantes podiam acessar os questionários de onde quisessem. Essa possibilidade de amplitude que a *Internet* traz, por abranger pessoas de e em diferentes locais, facilitou a participação de mulheres muito comprometidas com seus trabalhos e com cargas horárias de 8 a 14 horas, isso sem contar com o tempo dedicado à família.

Participaram da pesquisa 45 mulheres executivas em idade reprodutiva, entre 30 e 45 anos, de diversas empresas de prestação de serviços, localizadas em São Paulo.

A seleção dos sujeitos foi feita pelo cargo de executiva e pela idade reprodutiva. Entenda-se por executivas mulheres que ocupam cargos de comando e decisão, considerados cargos executivos em empresas de grande, médio e pequeno porte. Entenda-se por idade reprodutiva aquela que ainda possibilita à mulher gerar e gestar, idade essa bastante ampliada em nossos dias pela medicina reprodutiva contemporânea¹.

Após a análise dos resultados, olhando-os à luz de cada hipótese, podemos dizer que:

¹ Segundo os critérios da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana, a idade ideal da mulher para gestar é entre 25 e 35 anos. Porém, com os novos recursos da medicina reprodutiva, têm-se obtido muito sucesso com mulheres de gestação tardia, até 45 anos.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

1. A executiva contemporânea considera a maternidade como um dos fundantes do feminino.

Discutindo o significado dos filhos, essas mulheres mostraram que são muito comprometidas com a maternidade e não romperam com o modelo tradicional feminino nessa dimensão, declarando que valorizam o fato de ser mãe. Essa amostra avança e está mais integrada do que as mulheres de outras pesquisas, que relatam que a maternidade foi definida pela maioria das participantes como "a essência da condição de ser mulher" (ROCHA-COUTINHO, 2004, p.8).

Apesar de dizerem sentir natural e espontaneamente o desejo de filhos, que é uma concepção ideológica por estar tão imposta na sociedade, elas estão construindo uma opção de que filho não é para ter em qualquer condição. O fato delas não exercerem o poder de ter filho à revelia do desejo do companheiro, mostra o quanto elas caminharam naquilo que podemos chamar das possibilidades humanas. Elas administram a especificidade do feminino na busca de relações igualitárias com seus companheiros.

Na presente pesquisa, algumas já são mães e outras ainda desejam ser, sendo que essas ainda não passaram da idade considerada fértil pela sociedade médica. A maioria diz que a maternidade é importante para elas, declarando que tentariam até a reprodução assistida para poder ser mãe. Aqui também chama a atenção o quanto a concepção ideológica sobre a reprodução assistida, imposta pela sociedade, não faz sentido no discurso dessas mulheres. Isso porque elas, ao declararem que aceitam a reprodução assistida como ajuda para engravidar, não se percebem 'defeituosas', como a maioria das mulheres imersas nessa construção ideológica. Isso é uma afirmação baseada na realidade, pois algumas que já têm filhos e já passaram pelo processo de reprodução assistida.

Esses resultados desmontaram a segunda hipótese:



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

2. Existe a tendência da executiva contemporânea em adiar sua maternidade para garantir a busca de uma realização profissional.

A partir do momento que elas declararam "que o momento ideal para ter filho é ter um companheiro que também queira ter filho, sendo também necessário ter condição financeira", ficou claro que não é a busca de uma realização profissional que as move em direção a adiar ou não a maternidade. Pela fala, elas não comprovam adiar a maternidade para buscar uma realização profissional, mas elas integram planejamento para ter filhos, o que também pode ser visto como um tipo de adiamento.

Até poderíamos dizer que, por isso, percebem-se dissociações entre os pensamentos e as ações delas. Mas não. O que poderia ser visto como um tipo de adiamento é, na realidade, uma maior integração. Elas mostram que não lidam com o filho como um objeto, mas sim com alguém que precisa ser integrado para ter suas potencialidades e capacidades desenvolvidas. E para isso, são necessárias condições objetivas, entre elas a financeira, a afetiva e o acolhimento.

Esse é o processo da constituição do sujeito, sujeito esse que pode ser visto nas mulheres desse trabalho, que tratam de suas maternidades como a relação ética eu/outro, tanto com seus companheiros, como com os filhos, existentes ou por vir.

Essa visão de momento ideal para engravidar demonstra que a terceira hipótese compete na discussão:

3. É importante a mulher trabalhar e ter independência financeira para então ter filhos.

Os nossos dados indicam que a executiva contemporânea não adia a maternidade para garantir a realização profissional, mas tem noção de que trabalhar e buscar essa realização traz a condição financeira para ter filhos.

Após a análise dos resultados das mulheres que constituíram esse trabalho, podemos dizer que todas querem ser profissionais de sucesso, mostrando-se totalmente



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

comprometidas com suas posições de poder e muito bem-sucedidas nelas. A maioria delas afirmou que o desenvolvimento profissional trouxe relações igualitárias e realização nos planos e perspectivas profissionais, além de desejada estabilidade financeira.

Chegamos então à quarta hipótese:

4. É importante a executiva contemporânea ter uma relação afetiva estável e um companheiro que também queira ter filhos. É importante salientar que a carreira não impede a relação afetiva, ao contrário, os companheiros incentivam as carreiras e o sucesso profissional dessas mulheres. As falas dessas mulheres em direção às suas relações afetivas levam a crer que o desempenho profissional e a independência financeira dão à mulher a possibilidade de escolha de uma parceria mais consciente e madura, pois elas afirmam que o desenvolvimento profissional trouxe relações mais igualitárias para o campo pessoal.

Essas mulheres são comprometidas com seus companheiros, algumas com suas relações afetivas longas e estáveis, outras com relações mais recentes ou não tão estáveis, mas todas declaram que esses companheiros valorizam e compartilham sucessos e dificuldades. Os companheiros dessas mulheres dividem despesas e responsabilidades financeiras. Também ajudam no compartilhamento de tarefas domésticas e educativas, cuidando da casa e dos filhos.

Essas mulheres percebem e admiram as transformações de seus companheiros no cuidado com a casa e com os filhos, valorizando-os como um pai presente, redimensionando o modelo da paternidade, mas ainda expressando um desejo da autoridade e liderança do pai.

Com esse olhar, chegamos à quinta e última hipótese:



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

5. A executiva contemporânea busca qualidade de vida e integração das várias dimensões do feminino, implementando também o exercício profissional.

Com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, as condições que elas enfrentam são mais adversas, o que acarreta maior prejuízo para seu bem estar subjetivo. Com certeza, para dar conta de seus novos papéis, essas mulheres têm seu nível de *stress* aumentado, tanto físico quanto psicológico.

Os depoimentos nos permitem afirmar, porém, que um grupo apresenta *eustress* (*stress* positivo) e outro grupo apresenta *distress* (*stress* negativo), mas ambos sofrem as pressões inerentes às mudanças e ao aumento de funções no cotidiano. O mediador que mais contribuiu para explicar o índice de qualidade de vida e bem estar subjetivo foi o poder de decisão, ou seja, um fato que propicia o que se pode denominar de controle percebido. É o trabalho pago que propicia o tipo de recompensas já comentadas anteriormente, e é capaz de proporcionar o aumento do controle percebido, já que desenvolve uma maior capacidade de lidar com situações novas e complexas, além de aumentar o acesso para fontes financeiras e sociais.

É o controle percebido que promove uma autoestima elevada, como também o senso de domínio do ambiente necessário, o que permite ver-se como um ser capaz de atuar sobre a vida, criando novas condições, modificando-as e controlando-as, podendo transformar situações adversas em oportunidades, ou superá-las.

A confirmação de que mesmo desempenhando múltiplos papéis, a qualidade de vida e o bem estar subjetivo são possíveis, desde que as recompensas sejam maiores do que as preocupações, demonstra que a exigência dessas mulheres em relação à sua independência e autonomia é reforçadora para a continuidade de seus esforços de crescimento.

Concluímos que o presente estudo confirmou os dados da literatura com referência à importância do trabalho remunerado para a qualidade de vida da mulher que visa uma realização pessoal e profissional. No entanto, não confirma a hipótese, do senso comum, de



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

que o trabalho remunerado, o controle percebido e a autonomia derivada compensam, ou substituem, as demandas existenciais de natureza socioafetiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BIASOLI-ALVES, Z.M.M. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 16, No. 3, pp.233-239, Set- Dez 2000.
- BLAINLEY, G. *Uma breve história do século XX*. São Paulo, Editora Fundamento Educacional, 2009.
- BOLOGNA, J.E. Realidades naturais e verdades culturais: valores socioprofissionais no mundo contemporâneo. In ESTEVES, S.A.P. (org). *O dragão e a borboleta; sustentabilidade e responsabilidade social nos negócios*. São Paulo: Axis Mundi, 2000.
- BOLOGNA, J.E. *Valores que constroem a sustentabilidade*. Conferência Magna in XI Congresso Paranaense de Recursos Humanos. Curitiba, Expo Unimed, 3 a 5 Junho 2009.
- BRUSCHINI, C. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? In ROCHA, M. I. B. (org.) *Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- BRUSCHINI, C. *Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos*. Texto apresentado no Seminário Internacional Gênero e Trabalho (MAGE/FCC), realizado no Brasil (São Paulo e Rio de Janeiro), de 8 a 12 de abril de 2007.
- BRUSCHINI, C. & LOMBARDI, M. R. A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: FCC, No.110, p. 67-104, Jul. 2000.
- BRUSCHINI, C. & PUPPIN A. B. Trabalho de mulheres executivas no Brasil no final do século XX. São Paulo, *Caderno Pesquisa*, Vol. 34, No.121, Jan/Abr 2004.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação; a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1987.
- COSTA, S.G. Saúde, gênero e representações sociais. In MURARO, R.M. & PUPPIN, A B. (orgs). *Mulher, gênero e sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DE TONI, M. Visões sobre o trabalho em transformação. Porto Alegre: *Sociologias*, Ano 5, No. 9, p. 246-286, Jan/Jun 2003.
- FISCHER, I.R. & MARQUES, F. Gênero e exclusão social. *Trabalhos para discussão*, No. 113, Ago. 2001.
- FLECK, A. & WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, Vol. 8, No. especial, p. 31-38, 2003.
- HOBSBAWM, E. J. *A era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HOBSBAWM, E. J. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- KON, Anita, *Divisão do trabalho no Brasil: a questão do gênero*. Texto para discussão No.5/2003, PEPGEP/PUC/SP, São Paulo, 2003.
- LASZLO, E. *Macrotransição: o desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Axis Mundi/Willis Harman House, 2001.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

- LIPOVETSKY, G. *A terceira mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LIPOVETSKY, G. *A era do vazio*. São Paulo: Manole, 2004 a.
- LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004 b.
- LYOTARD, J.F. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- MALUF, V. & KAHHALE, E.P. Maternidade tardia: fertilidade ou infertilidade da mulher pós-moderna? *In Artigos Científicos em Educação Continuada em Reprodução Humana*. São Paulo, *Boletim da Sociedade Brasileira Reprodução Humana*, Ano 5, No. 3, 2007
- ROCHA-COUTINHO, M.L. Quando o executivo é uma “dama”: a mulher, a carreira, e as relações familiares. *In FÉRES-CARNEIRO, T (org.), Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: NAU, 2003.
- ROCHA-COUTINHO, M.L. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas de Psicologia da SBP*, vol.12, no.1, p.2-17, 2004.
- STRIGHT, A. D. & BALES, S. S. Coparenting quality: Contributions of child and parent characteristics. *Family Relations*, 52 (3), p. 232-240, 2003.
- TOFFLER, A. *A terceira onda*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1999.
- TOYNBEE, A. *Um estudo da História*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1986.

Recebido: 08/06/2010

Aceito: 30/06/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br